

LINGUAGEM E MODALIZAÇÃO

LANGUAGE AND MODALIZATION

Micheli Mariel Decian¹

Célia Helena Pelegrini Della Méia²

RESUMO

No momento em que é proferido um discurso são também defendidos valores. Tal fato deve-se à capacidade argumentativa inerente aos indivíduos e lhes garante a defesa de um posicionamento, segundo a análise semântico - argumentativa de Ducrot, uma tomada de posição pode se dar com engajamento ou distanciamento. De acordo com o autor, um indivíduo pode usar elementos que remetam à crença do interlocutor, às possibilidades, ao não-engajamento, ou aos elementos relativos a certezas de que correspondem ao engajamento, ao comprometimento com as palavras proferidas. Considerando esse enfoque, analisamos o discurso de posse do atual Presidente do Brasil, para verificar o grau de distanciamento do Presidente em relação ao seu discurso. Por meio dessa análise semântico-argumentativa do discurso do Presidente, foi possível evidenciar o comprometimento de sua fala com o povo brasileiro.

Palavras-chave: discurso, modalizadores, argumentação.

ABSTRACT

At the moment a speech is addressed, values are also supported. Such fact is due to the discussion capacity inherent to the individuals and it guarantees the support of a viewpoint, according to Ducrot's semantic-argumentative analysis, a turning may take with commitment or distance. According to the author, a person can use elements regard the other speaker's belief, possibilities, non-commitment, or the elements related to the certainties which correspond to the engagement, to the commitment with the words uttered. Considering this focus, we analyze the inaugural speech of the current President of Brazil, to check the distance level of

¹ Trabalho Final de Graduação - TFG.

² Acadêmica do curso de Letras - UNIFRA.

³ Orientadora - UNIFRA.

the President regarding his speech. Through this semantic-argumentative analysis, it was possible to show the commitment of his speech with the Brazilian people.

Key words: speech, modalizers, argumentation.

INTRODUÇÃO

Em nosso dia a dia, fazemos, constantemente, uso da linguagem que serve como uma ferramenta da qual lançamos mão para fazermos nossas manifestações lingüísticas e, assim, interagirmos com o mundo e com os indivíduos.

A linguagem assume vários papéis de acordo com a maneira e objetivos pelos quais a fazemos significar, assim, na produção de um texto, seja ele oral seja escrito, atribuímos significações às nossas formas de agir e de pensar.

No momento em que nos manifestamos textualmente, temos que demonstrar nossas formas de agir e de pensar diante dos fatos, pois por meio de um texto, estamos, também, emitindo juízo de valor, sendo que essa emissão só possuirá validade se for bem fundamentada e defendida, com uma argumentação concisa e coerente.

Estudamos, nesta pesquisa, categorias de modalizadores, segundo Koch (1996), que propõe esse estudo baseado na teoria semântico-argumentativa de Ducrot.

Esses modalizadores permitem que averigüemos o grau de engajamento dos indivíduos em seus textos. Analisamos o uso desses modalizadores de argumentação no discurso de posse do atual Presidente da República proferido no parlatório. Dessa forma, busca-se a constatação do grau de comprometimento do Presidente Lula com o povo brasileiro, o qual representa o público - alvo de seu discurso de posse.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A produção de textos é um processo abrangente e delicado, por trabalhar a individualidade do produtor e do receptor do texto. Um texto é uma representação do que alguém pensa sobre determinado assunto. Essa representação em defesa de um ponto de vista deve se dar de forma que o receptor consiga percebê-la como um todo significativo. As noções e conceitos a respeito do que seja um texto são múltiplas. Para Koch (1992,

1996, 1997, 2002) e Costa Val (1991), o texto se caracteriza por sua unidade formal, material, seus constituintes lingüísticos devem se mostrar, reconhecivelmente, integrados, de modo a permitir que ele seja percebido como um todo coeso. Ainda pode ser definido como um evento comunicativo, em que estão envolvidos atos lingüísticos, cognitivos e sociais, pois propicia o diálogo entre sujeitos, sendo eles da mesma época ou não, não importando o grupo social em que se encontram. Os textos levam significados para diferentes culturas e podem ser interpretados diversamente pelas pessoas que constituem as diferentes culturas, variando de acordo com o grau de conhecimento e ideologias, o que é evidenciado pelas palavras de Koch (2002, p.67) “Há mais de uma década a Lingüística Textual vem postulando que todo texto constitui uma proposta de sentidos múltiplos e não de um único sentido e que todo e qualquer texto é plurilinear na sua construção”.

Para que um indivíduo produza um bom texto, é necessário possuir um conhecimento prévio a respeito do assunto, a fim de que sua produção se constitua como um todo dotado de significação e também para que possa significar novos conhecimentos ao seu leitor. Dessa forma, percebemos que o texto necessita conter idéias próprias, que concretizem a argumentação e que atribuam significação à escrita, pois não é suficiente a elaboração e explanação de idéias do senso comum, as quais são por todos conhecidas e que nada acrescentam ao conhecimento do leitor. Esse fato é causado pela falta de conhecimento prévio a respeito de um tema proposto, não sendo possível ao produtor do texto fazer inferências e relações tanto semânticas quanto discursivas, não conseguindo textualizar suas idéias de forma ordenada e coesa, que estejam em consonância com seu próprio meio e com outros textos.

Em nosso convívio social, deparamo-nos com mais de um tipo de texto, divididos, basicamente, em três grandes gêneros, que são a narração, a descrição e a dissertação. Cada gênero possui suas particularidades, sendo essas que os caracterizam e permitem sua identificação. O texto narrativo tem por característica básica a narração, na qual não são atribuídos pensamentos e conclusões, ocorre um relato do que se passa, inserido ou não no ato ficcional. A narração pode também ser usada como argumento. Conforme Ducrot, a argumentação está na língua, então, todos os gêneros são argumentativos. A descrição caracteriza-se por atribuir aos seres ou coisas, valores, os quais irão variar de acordo com as concepções daquele que os descreverá, pois na descrição, estão presentes os valores referentes aos sentidos da pessoa que descreve, por isso são variáveis. Já o terceiro gênero textual e o mais complexo é a dissertação, pois nesse gênero é

preciso elaborar idéias e argumentos que sustentem um posicionamento. É necessário conhecimento a respeito do assunto, a fim de que seja passada uma visão de mundo, pontos de vista, etc... A característica argumentativa não é exclusiva da dissertação, mas é nela que a argumentação se manifesta com maior freqüência.

Para que um texto, em especial o dissertativo, tenha qualidade deve apresentar alguns critérios. Dentre esses, temos a textualidade, necessária para que a produção seja aceita. A textualidade é conferida ao texto quando esse apresenta, além de outros, elementos de coesão e coerência. Segundo Koch (1997, p.41), “A coerência diz respeito ao modo como os elementos subjacentes à superfície textual vêm a constituir, na mente dos interlocutores, uma configuração veiculadora de sentidos”. Como fator fundamental da textualidade, a coerência é responsável pelo sentido global do texto, envolvendo não só aspectos lógicos e semânticos, mas também cognitivos na medida em que depende do partilhar de conhecimentos entre interlocutores. Já a coesão é a manifestação lingüística da coerência, pois representa a maneira pela qual os conceitos se inter-relacionam, representando a unidade formal do texto, que pode ser construída através de mecanismos gramaticais ou lexicais. Mas, um texto não pode ser considerado como bem construído apenas por possuir elementos de coesão, pois deve apresentar sentido, para que possa ser entendido por seu receptor, permitindo a interação entre produtor e leitor, como relata Koch (1997, p. 22):

Poder-se-ia, assim, conceituar o texto como uma manifestação verbal constituída de elementos lingüísticos selecionados e ordenados pelos falantes, durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais.

Além da coesão e coerência, já mencionadas, deparamo-nos com outros fatores, como a intencionalidade, a informatividade, a situacionalidade, a aceitabilidade e, em meio dessas, a intertextualidade, como fatores constitutivos da textualidade.

A intencionalidade diz respeito à pretensão do produtor de exprimir algo com seu discurso, que pode ser um pedido, uma informa-

ção, a manifestação de uma forma de pensar e definir os fatos, etc.. No discurso político, esse fator está, constantemente presente, pois os candidatos, ao exporem sua proposta, seus anseios, mostram sua intenção com relação às tarefas que, posteriormente, deverão realizar, intenção essa que pode ser expressa por certezas ou possibilidades. Em contrapartida à intencionalidade, encontramos a aceitabilidade que se refere ao recebedor, à maneira como esse irá receber e interpretar o texto. A análise do recebedor vai variar de acordo com sua visão de mundo, sua forma de vida e princípios, pois a aceitação ou não de uma idéia contida no texto é algo bastante particular. Quanto a esses dois fatores propostos por Beaugrand & Dressler, refere-se Koch (1997,p.18):

A intencionalidade, em sentido estrito e imediato, diz respeito ao propósito dos produtores de textos de fazer com que o conjunto de ocorrências verbais possa constituir um instrumento textual coesivo e coerente, capaz de realizar suas intenções, isto é, atingir uma meta especificada em um plano; em sentido amplo, abrange todas as maneiras como os sujeitos usam textos para perseguir e realizar seus objetivos. A aceitabilidade, por sua vez, refere-se à atitude cooperativa (cf. Grice) os interlocutores, ao concordarem em “jogar o jogo”, de acordo com as regras e encararem, em princípio, a contribuição do parceiro como coerente e adequada à realização dos objetivos visados.

Um outro fator, a intertextualidade, faz o cruzamento de idéias de autores diferentes, em prol de um mesmo raciocínio, trata-se do diálogo entre textos que possuem um contexto ou relação em comum. A situacionalidade diz respeito à situação em que dado texto é produzido, necessitando ser estudada para que a produção escrita esteja de acordo com o contexto em que será inserida e com o momento de produção. A informatividade corresponde à quantidade de informação presente no texto, verificando se esse possui quantidade o suficiente para ser considerado satisfatório.

Quanto aos aspectos contidos na produção escrita, podemos propor o inter-relacionamento dos conceitos de texto e textualidade e construir a unidade textual, considerando o aspecto sociocomunicativo, por meio

de fatores pragmáticos (intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade), o semântico, pela coerência; e o formal pela coesão.

Após o conhecimento desses conceitos por parte do produtor e leitor do texto, é possível que se tenha uma visão do que é um texto, quais os elementos que devem, nele, estar contidos para que se configure como evento sociocognitivo, para o qual convergem tanto ações lingüísticas e cognitivas quanto sociais, possibilitando a interação entre sujeitos pertencentes a um mesmo tempo ou não.

A capacidade argumentativa é dialógica, pois é por meio dessa que demonstramos opiniões, pontos de vistas e a maneira como agimos, quando nos deparamos com situações de caráter polêmico. A argumentação nos faz interagir tanto no momento da escrita quanto no momento em que lemos produções escritas de outras pessoas, pois poderemos concordar ou não com o que lemos e, a partir da concordância ou discordância, formularemos um ponto de vista acerca do tema. Quanto a esse aspecto, relata Koch (1996, p 19):

A interação por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentabilidade. Como ser dotado de razão e vontade, o homem, constantemente, avalia, julga, critica, isto é, forma juízos de valor. Por outro lado, por meio do discurso-ação verbal dotada de intencionalidade – tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas de suas opiniões. É por esta razão que se pode afirmar que o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato lingüístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende “neutro”, ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria objetividade.

A argumentação nos propicia um momento de criticidade, ou seja, por ela podemos ser leitores e espectadores na defesa de pontos de vista, e, a partir dessa análise, verificarmos com qual nos identificamos melhor.

Essa identificação pode ser gerada por vários fatores, entre eles, os culturais são os mais fortes, pois de acordo com os fatos que presenciamos, com os quais se relaciona nosso cotidiano é que formulamos nossas concepções acerca dos acontecimentos. Como relata Ducrot (1987, p.110):

A razão disso está em que a linguagem não pode ser considerada distante da cultura da qual é veículo, e no interior da qual ela se desenvolve. De tal maneira que, numa civilização em que o valor de verdade assume um valor central, os sujeitos falantes são propensos a ver a linguagem como um meio para a formulação e troca de conhecimentos.

Por intermédio da linguagem, é possível, então, averiguar a cultura de um indivíduo, e é por meio do seu funcionamento que nos relacionamos com indivíduos de diversas culturas. O discurso político é um exemplo em que o produtor deseja passar o resultado de sua fala para todos os tipos de culturas, pois necessita delas para atingir seu objetivo (eleger um candidato).

Quanto ao confronto linguístico entre o indivíduo que produz um texto e o indivíduo que o recebe, relata Ducrot (1987, p.65):

Somente graças a esta distinção, isto é, se admitirmos que o ato de fala individual se funda num esquema geral da atividade lingüística- confronto entre um locutor e um destinatário vistos como tal, - torna-se possível caracterizar o enunciado relativamente à enunciação: descrevemo-lo como especificando, de certa forma, o papel de seus locutores e destinatários eventuais; como atribuindo-lhes, no sentido teatral do termo, certos empregos.

A escrita de um texto argumentativo exige a reflexão sobre o mesmo, para que sejam formuladas idéias próprias de quem as escreve. Aquele que escreve não deve se apropriar do discurso alheio, do senso comum. Isso se deve ao fato de que, no momento da produção escrita, ou mesmo no momento em que falamos com alguém, estabelecemos uma discussão, estamos defendendo teses, hipóteses e formulando argumentos, os quais

podem convencer nosso ouvinte ou leitor, se bem estruturados e fundamentados. Por meio desse processo de defesa de uma forma de pensar, relacionamo-nos com a sociedade e com outros textos, como explica Citelli (1994, p. 56):

Ao escrevermos, lermos, recebermos, produzimos uma série de influências que passam por instâncias sociais, culturais, de interesses. Assim, vivemos em permanente diálogo com os vários discursos circundantes. “Falamos” com outros textos, referimo-nos, de maneira mais ou menos direta, a eles. É nesse vasto movimento de linguagem que buscamos elementos que sustentam nossas teses, nossos pontos de vistas.

Em nossa linguagem, deixamos transparecer nossa subjetividade, colocando em xeque - para ser elogiada ou reprimida - nossa forma de ver os fatos, com os argumentos dos quais fazemos uso para defender nosso modo de pensar. Assim, a produção de um texto é a explanação de uma maneira de pensar, a qual poderá ser aceita ou não pelo recebedor, dependendo de sua visão sobre a realidade, sendo a produção textual subjetiva. Quando defendemos nossa forma de pensar, podemos fazer o uso de elementos que são reais, concretos, que estão contidos no texto ou o uso de elementos que não possuem concretude, que não estão, explicitamente, nos textos e nas falas, mas que por meio de inferências podem ser percebidos. Esses elementos são denominados posto e pressuposto, como relata Citelli (1994) “Entenda-se pelo conceito de posto aquilo que vem claramente expresso no enunciado. O pressuposto, conquanto não seja explícito, funciona como referência e orientação para o que será desenvolvido e formulado.”

No momento em que fazemos o uso de postos e pressupostos, incitamos nossos ouvintes e leitores a fazerem inferências e, por isso, proporcionamos a eles diálogos com a nossa produção. Esse diálogo é manifesto pela reflexão a respeito de nossos textos, não o entendendo como finito e acabado, mas como um contexto no qual podem se inserir, fazer questionamentos e reflexões, podem encontrar elementos que, muitas vezes, não são, propositalmente, inseridos pelo autor, com o valor encontrado pelo receptor. Esse último fato nos remonta aos conceitos de intencionalidade e aceitabilidade. Segundo esses conceitos, verificamos que nem sempre a intenção do autor dos fatos lingüísticos é aceita por aquele que a recebe, a

aceitação ou não vai depender da visão de mundo, dos pontos de vista de quem a lê ou ouve.

Ao nos defrontarmos com os textos circundantes, fazemos interpretações e refletimos a partir deles. Num primeiro momento, depreendemos o sentido literal que, segundo Ducrot (1987), é o primeiro subcomponente do discurso, o qual faz todo o trabalho de instanciação referencial e argumentativa, produzindo um primeiro esboço do sentido. Além do sentido literal de um discurso, o leitor ou receptor pode retirar dele os valores subentendidos que, pragmaticamente, correspondem ao sentido real, pois ao afirmar ou negar algo, o locutor pode atribuir valores aos fatos e coisas, sem fazê-lo de forma explícita. A percepção ou não dos subentendidos vai ser definida pelo receptor que identificará, além do posto (o dito), também o pressuposto (o não dito), como vemos na seguinte passagem de Ducrot (1987 p.21):

Pois, se a operação consiste em retirar do enunciado as conclusões nele implicadas, é difícil compreender como o locutor poderia rejeitar a responsabilidade do subentendido: à medida que o subentendido fosse deduzido do sentido literal, não seria possível, ao mesmo tempo, reivindicar esse sentido literal e recusar as conseqüências que ele acarreta.

Percebemos que a produção textual é um processo complicado, pois ao produtor é atribuída a responsabilidade do posto e também do pressuposto, que são as inferências e deduções que podem ser feitas pelo do sentido provável do enunciado. Aquele que produz o texto oral ou escrito é comprometido com o que diz e, muitas vezes, com o que é inferido a partir de seu dito, o que denota que todo e qualquer texto possui sentidos múltiplos, sendo plurilinear em sua construção.

Em textos dissertativos, existem elementos que marcam a modalização, são chamados de modalizadores, como podemos ver em Koch (1996, p. 138):

Consideram-se modalizadores todos os elementos lingüísticos diretamente ligados ao evento de produção do enunciado e que funcionam como indicadores das intenções, sentimentos e atitudes do locutor com relação ao seu

discurso. Estes elementos caracterizam os tipos de ato de fala que deseja desempenhar, revelam o maior ou menor grau de engajamento do falante com relação ao conteúdo proposicional veiculado, apontam as conclusões para as quais os diversos enunciados podem servir de argumento, selecionam os encadeamentos capazes de continuá-los, dão vida, enfim, aos diversos personagens cujas vozes se fazem ouvir no interior de cada discurso.

Outra particularidade encontrada, na produção de textos, é o fato de que os produtores dos atos comunicativos podem se apropriar de diferentes modalidades de operadores argumentativos. O produtor pode fazer uso de modalizadores que demonstrem certeza, clareza e conhecimento sobre o assunto, passando assim um significado, no qual podemos confiar devido à afirmação que faz o autor por meio do uso do eixo do saber. Nesse tipo de linguagem, o autor se compromete e, por isso, tem de cumprir o que, anteriormente, afirmou. Como relata Ducrot (1987, p.74):

O poder que tem um ato de fala de engendrar um mundo ideal e de fazer leis para esse mundo, talvez o compreendamos mais facilmente no exemplo da ordem – cuja relativização lingüística pode parecer menos escandalosa que quando se trate da promessa. Pois a ordem tem também como traço constitutivo: apresentar-se como criadora de obrigação, com a diferença de que aqui a obrigação concerne ao destinatário:

A fala de que ele é o objeto, encarrega-o de um dever (se ele não fizer o que lhe foi ordenado, sua atitude se torna na lógica da enunciação realizada, desobediência e obediência, em caso contrário).

O texto dissertativo divide-se em dois eixos quanto ao grau de engajamento do produtor da fala ou discurso, do *crer* e do *saber*, Koch (1996). Essa divisão ocorre devido à classe de modalizadores usados no decorrer do texto, quanto aos tipos de lexicalização que podem ocorrer com modalizadores, cita Koch (1996, p.87).

Entre os vários tipos de lexicalização possíveis das modalidades podem-se citar:

a) performativos explícitos: eu ordeno, eu proíbo, eu permito, etc.

b) auxiliares modais: poder, dever, querer, precisar

c) predicados cristalizados: é certo, é preciso, é necessário, é provável, etc.

d) advérbios modalizadores: provavelmente, certamente, necessariamente, possivelmente, etc.

e) formas verbais perifrásticas: dever, poder, querer, etc. + infinitivo.

f) modos e tempos verbais: imperativo; certos empregos de subjuntivo; uso do futuro do pretérito com valor de probabilidade, hipótese, notícia não confirmada; uso do imperfeito do indicativo com valor de irrealidade, etc.

g) verbos de atitude proposicional: eu creio, eu sei, eu duvido, eu acho, etc.

h) entoação: (que permite, por ex., distinguir uma ordem de um pedido, na linguagem oral).

l) operadores argumentativos: pouco, um pouco, quase, apenas, mesmo, etc.

O eixo do *crer* diz respeito às possibilidades, ou seja, não há comprometimento com o que é dito, são apenas hipóteses. Já o eixo do *saber* compromete a fala do enunciador do discurso, por fazer afirmações que deverão ser efetuadas posteriormente. Quanto ao eixo do *saber*, do *comprometer-se*, denota Ducrot (1987, p.74):

Pois nada autoriza a moralizar, que aquele que promete é obrigado a manter a promessa. Digo apenas que apresentar à pessoa sua iniciação, como uma promessa, é apresentar-se como obrigada- o que não implica ainda que sejamos obrigados. Tudo que se pode dizer é que, no momento em que se promete, desdobra-se um universo no qual nos tornamos sujeitos de obrigações imprescindíveis.

Diferentemente, aparece o eixo do crer, no qual o indivíduo produz um enunciado livre de obrigações, despreocupado com o cumprimento do que diz, pois não há uma promessa um comprometimento com alguém que poderá lhe indagar e exigir o cumprimento das palavras. O discurso produzido é carregado de um conteúdo semântico, que deve ser bem produzido, claro, para que o produtor do texto não possibilite interpretações inadequadas e pejorativas. Mas, mesmo um texto bem produzido não exclui o fato de possibilitar mais de uma interpretação, na qual o leitor faça inferências e encontre subentendidos.

No momento em que alguém assume um compromisso (promete), é o produtor que se vê diante da alternativa de cumprir o que disse, caso contrário, poderá ser desvalorizado. Já a outra categoria de modalizadores da argumentação estudada, nesta pesquisa, situa-se no eixo do crer, com essa forma de argumentação não há o comprometimento com o que é dito, por não serem feitas afirmações. O autor apenas lança possibilidades que podem ou não acontecer. Quanto a esse aspecto, relata Koch (1996, p. 85).

Esta abordagem das modalidades crer e saber como um pressuposto geral das demais modalidades, e a aceitação da possibilidade de sua aceitação (“modalização implícita”) vem fortalecer a posição de que não existem enunciados neutros e, em decorrência, de que a argumentatividade é uma característica inerente à linguagem humana.

As modalidades crer e saber, conforme Koch (1996), correspondem aos articuladores textuais meta-enunciativos, ou seja, àqueles que remetem ao próprio ato da enunciação e, dentro dessa classificação, aos modalizadores epistêmicos e deônticos da linguagem. Segundo Koch (1996, p.77), “As modalidades epistêmicas referem-se ao eixo da crença, reportando-se ao conhecimento que temos de um estado de coisas.”, enquanto que “As modalidades deônticas referem-se ao eixo da conduta, isto é, à linguagem das normas àquilo que se deve fazer”, de acordo com Koch (1996, p.78).

Assim, quando o produtor do texto fizer uso de vocábulos e expressões como “creio”, “penso”, “possivelmente”, “é provável”, entre outros, não está afirmando sua forma de pensar ou agir, está apenas relatando, sem comprometer-se. Esse tipo de uso da modalização não confere clareza e consistência argumentativa ao texto, por não haver um posicionamento definido, é uma forma de dizer algo, polêmico ou não, sem assumir responsabilidades e ser cobrado por isso. Porém, quando o produtor de um texto faz uso dos modalizadores textuais pertencentes ao eixo do saber, tais como: “é certo, necessariamente, não pode haver dúvidas, é dever de todos”, entre outros, está denotando um alto grau de engajamento. Esse fato leva os leitores ou ouvintes da produção

textual a crerem no que o produtor relata. Dessa maneira, ele estará sujeito a cobranças, pois está comprometido com seu posicionamento e, para que possa ter credibilidade com seus leitores, precisa manter sua palavra.

Com relação ao grau de comprometimento do produtor do texto, Weinrich (1964) faz uma distinção entre o que ele considera “mundo comentado” e “mundo narrado”, como evidenciam as palavras de Koch (1992, p.51):

No mundo comentado, o locutor responsabiliza-se, compromete-se com aquilo que enuncia, isto é, há uma adesão máxima do locutor ao seu enunciado, o que cria uma “tensão” entre os interlocutores, que estão diretamente envolvidos no discurso; no mundo narrado, a atitude do locutor é distensa, “relaxada”; ele se distancia do seu discurso, não se compromete com relação ao dito: simplesmente relata os fatos, sem interferência direta (lembre-se o que dizia Benveniste com relação à “história”: é como se os fatos se narrassem a si mesmos).

A distinção entre “mundo narrado” e “mundo comentado” faz-se, principalmente, pelo uso dos tempos verbais, o presente, o futuro do presente, etc. que corresponderiam ao mundo comentado. Enquanto o mundo narrado seria marcado pelo pretérito imperfeito, pretérito mais que perfeito, futuro do pretérito e as locuções. Dessa forma, é perceptível que, quando desejamos formar frases e sentenças com maior impacto, inspirando um grau de verdade, usamos verbos no presente. A linguagem jornalística evidencia tal fato, para chamar a atenção dos leitores ou ouvintes, usa o presente nas manchetes de jornal, mesmo que os fatos já tenham ocorrido ou venham a ocorrer.

Quanto ao processo argumentativo, encontramos em Koch (1997), as noções de escala argumentativa e classe argumentativa, baseadas na teoria semântico – argumentativa de Ducrot (1976). Conforme Koch (1996, p.105): noção de escala argumentativa formulada por Ducrot. Diz-se que p é um argumento para a conclusão r , se p é apresentado com devendo o interlocutor a concluir r . Quando vários argumentos – p , p' , p'' ... – se situam numa escala graduada, apontando, com maior ou menor força, para a mesma conclusão r , diz-se que eles pertencem à mesma escala argumentativa.

Algumas formas verbais não fizeram parte de nossa análise, por haverem controvérsias quanto a sua formação e função, como verificamos nas palavras de Koch (1996, p.41):

Quanto aos “modos” subjuntivo e imperativo, e ao infinitivo, gerúndio e particípio, considere-os semitempos: são formas verbais de espécies diferentes, mas, de modo algum, formas verbais em sua totalidade, já que se mostram indiferentes à distinção entre mundo comentado e mundo narrado. Podem, porém, fixar a perspectiva ou estabelecer o relevo, e apresentar-se, na maioria dos casos, ligados a um tempo pleno, que lhes determina a situação comunicativa.

Neste estudo, verificamos como o atual Presidente da República utilizou os modalizadores da linguagem e, assim, averiguamos o comprometimento dele com suas palavras e suas intenções, as quais não serão, necessariamente, cumpridas.

METODOLOGIA

Para a execução desta pesquisa, foi necessária uma revisão bibliográfica, a qual subsidiou o embasamento teórico. Como parte prática, fizemos a coleta do discurso de posse do Presidente Luis Inácio Lula da Silva e a análise dos recursos modalizadores nele presentes.

Após ter em mãos o corpus do trabalho, partimos para a análise semântico - argumentativa do discurso de posse do Presidente, tendo por base a teoria de Ducrot, discutida por Koch (1996), para verificar o grau de engajamento do Presidente em seu pronunciamento, ou seja, há ou não comprometimento em sua fala e a análise foi efetuada pela verificação dos modalizadores do texto, que correspondem a uma categoria de articuladores textuais.

Após a análise e averiguação dos resultados, partimos para a elaboração da discussão dos dados e da conclusão do trabalho, que permitiu a redação final da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio da pesquisa realizada, verificamos como o Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, utilizou os modalizadores do discurso em seu primeiro pronunciamento como chefe maior da nação. Analisamos o discurso de posse do Presidente Lula, verificando nele a presença dos modalizadores de argumentação (DISCURSO DO PRESIDENTE LULA NA TOMADA DE POSSE, 2004).

Com esse trabalho de análise, verificamos se o Presidente Lula faz uso dos modalizadores correspondentes ao eixo da certeza ou da crença. Quando utiliza os primeiros, compromete-se com suas palavras, porém, se faz uso do segundo eixo, não há engajamento.

No início de sua fala, Lula cumprimenta o povo brasileiro, os chefes de estado e seu companheiro, José Alencar. Em seguida, cumprimenta sua esposa e a esposa de José Alencar.

Nesse parágrafo, aparece o primeiro caso de modalização no discurso do Presidente Lula, como verificamos no fragmento:

Minha companheira querida, dona Marisa
esposa de Zé Alencar.

Minha querida esposa Marisa, juntos já partilhamos muitas derrotas e por isso nós hoje estamos realizando um sonho que não é meu, mas um sonho do povo deste país, que queria mudança.

Nesse trecho, o Presidente utiliza os verbos no presente do modo indicativo, “estamos, é”, indicando engajamento em sua fala e, com isso, fazendo uso de palavras referentes ao eixo do saber. Deixa claro seu posicionamento e faz uso de um argumento por autoridade, quando diz que “hoje estamos realizando um sonho que não é meu, mas um sonho do povo desse país, que queria mudança”, pois usa suas palavras para falar em nome de todo o povo brasileiro.

No terceiro parágrafo, continua a utilizar a maioria dos verbos no modo indicativo “tenho, estou, irá, precisa”, comprometendo-se com as palavras proferidas. Há a presença forte dos modalizadores do discurso, quando o Presidente diz “tenho a certeza e a convicção de que nenhum momento difícil (...)”. Nesse fragmento, Lula, além de usar o verbo no presente do indicativo, utiliza os termos certeza e convicção para salientar seu comprometimento, demonstra-o, e faz com que seus interlocutores sintam-se persuadidos por suas palavras, “tenho a certeza” representa um verbo de atitude proposicional. O mesmo ocorre com o modalizador argumentativo “nenhum”, pois não deixa dúvidas, expressa a certeza de que seu governo nunca será impedido de fazer o que foi prometido, por piores que sejam os obstáculos. Nesse mesmo parágrafo, existe uma outra oração modalizada, em que novamente, o Presidente utiliza elementos que remetam a certezas, devido às afirmações e ao uso da forma verbal no indicativo, isso é evidenciado quando ele diz “irá impedir”, usando uma forma verbal perifrástica e também quando relata “o povo brasileiro precisa que sejam feitas”.

O Presidente usou verbos no modo subjuntivo, na sua fala, nesse parágrafo. Esse fato ocorreu quando disse “que eu faça”. Nesse momento, faz uso do eixo da crença, pois não afirma, mas lança uma possibilidade, podemos dizer, então, que usou modo e tempo verbais que refletem um léxico modalizado.

O quarto parágrafo é iniciado por uma frase de grande efeito argumentativo, pois faz uso de elementos que remetem ao eixo da certeza: “Em nenhum momento vacilarei”. Percebemos que usa o vocábulo “nenhum”, um operador argumentativo, para que tenhamos plena convicção em suas palavras, faz uma forte afirmação. Utiliza o verbo “vacilarei” no modo indicativo, futuro do presente, explicitando certeza em suas palavras. Além desses, utiliza o verbo no presente do indicativo “assumimos”, denotando engajamento. As formas verbais referidas constituem modo e tempos verbais modalizadores do discurso.

No mesmo parágrafo faz, novamente, uma forte afirmação “não fizemos nenhuma promessa absurda”. Essa afirmação mostra grande engajamento do Presidente Lula com seu discurso, pois ao dizer “não fizemos nenhuma” está generalizando, está comprometendo-se com o fato de que todas as suas promessas poderão ser cumpridas, pois segundo ele são viáveis. Assim, para que o Presidente assuma uma postura coerente com sua fala de posse deverá cumprir todas as promessas com as quais se comprometeu.

No mesmo parágrafo, o Presidente utiliza o verbo dizer no pretérito imperfeito do indicativo, quando faz isso não denota certeza e sim, uma possibilidade, sendo um modalizador. A forma “dizíamos” enquadra-se no eixo da crença, segundo Koch (1992), ou ao mundo comentado como traz também Koch (1992) as palavras de Weinrich.

Na fala a que nos referimos anteriormente, usou elementos que remetem à crença. Porém, em sua fala seguinte, toma o cuidado de passar sua frase do eixo da crença para o eixo da certeza, como vemos, no seguinte fragmento, “O que nós dizíamos, eu vou repetir agora”, ao proferir essas palavras, usa a forma verbal “vou repetir”, para dar a idéia de que não esqueceu o que, anteriormente, dissera, que continua comprometido com essas palavras. O vocábulo “agora” salienta ainda mais esse fato.

Uma outra frase, de grande efeito, foi utilizada “Nós iremos recuperar a dignidade do povo brasileiro”. Nessa frase, novamente usa o pronome nós, pois refere-se ao seu vice José Alencar e a si próprio. A forma verbal “iremos recuperar” denota engajamento por parte do Presidente, pois o tempo futuro do presente do modo indicativo faz parte dos elementos pertencentes ao eixo da certeza. Essa é uma forma verbal perifrástica modalizadora, que apresenta o verbo ir + infinitivo. Em seguida, o Presidente utiliza, novamente, um modalizador pertencente ao eixo da crença “tivermos”, quando a usa, remete ao tempo

futuro do modo subjuntivo, que não denota certezas, mas sim, possibilidades, crenças. A última forma verbal do parágrafo é “necessitam”, que está conjugada no tempo presente do modo indicativo e revela certeza.

No quinto parágrafo de sua fala, o Presidente usa modalizadores de argumentação pertencentes ao eixo do saber, representados por tempo e modos verbais como é perceptível no seguinte exemplo: “tenho”, pois faz uso de um verbo conjugado no tempo presente do modo indicativo. No mesmo parágrafo, utiliza os verbos “começou” e “terminou”, que estão conjugados, também, no modo indicativo, porém, no pretérito perfeito, mais uma vez indicando o engajamento do Presidente com seu texto. No momento em que ocorre esse comprometimento, o Presidente permite aos seus ouvintes que lhe façam cobranças, com relação às promessas a respeito da melhoria de vida e de mandato político no Brasil. No decorrer desse trecho, há mais dois verbos conjugados no modo indicativo, do pretérito perfeito, sendo eles “lutaram” e “morreram”, esses dois verbos são utilizados para enfatizar o valor do povo brasileiro e de seus líderes que, anteriormente ao PT, dedicaram-se à nação brasileira. Os verbos “lutaram” e “morreram” são usados para dar maior força argumentativa ao texto, fazendo-a funcionar de maneira crescente, pois os políticos e o povo não só lutaram, mas morreram na luta por um Brasil com melhores condições de vida, democracia e liberdade.

Na seqüência, ocorre, mais uma vez, uma forma verbal modalizada que está no pretérito perfeito do modo indicativo, “tive” que indica comprometimento, engajamento. Em seguida, o Presidente usa a forma verbal “estou”, que está conjugada no presente do indicativo denotando a modalização pertencente ao eixo do saber, como também ocorre com o verbo “tem”, que possui a mesma conjugação e, portanto, o mesmo tipo de modalização. O advérbio “não”, o verbo “tem” e o advérbio “nenhum”, são indicadores de modalização referente ao eixo do saber, indicando comprometimento, pois ao fazer uso desses vocábulos não dá margem a interpretações. Afirma que não há no Brasil ninguém que conheça melhor do que ele próprio (Lula) os problemas a serem enfrentados, denotando forte argumentatividade, passando ao leitor / ouvinte confiança no que por ele é proferido. Em seguida, o Presidente usa o “mas” que, de acordo com Koch (1996, p.107) “Ducrot considera o operador argumentativo por excelência”. Nesse contexto o “mas” não assume o caráter que lhe é conferido pela gramática normativa, que é o sentido de adversidade, contrariedade. O operador argumentativo “mas” não é utilizado para fazer o contraponto entre um argumento e um contra-argumento, mas é utilizado para que se efetue a soma de dois argumentos, os quais têm o intuito de persuadir o povo brasileiro, de que a escolha por ele efetuada, foi a mais correta, ao colocar Lula no poder.

O primeiro argumento diz respeito ao grande conhecimento que o atual Presidente eleito tem da dificuldade e da realidade encontradas no Brasil. Como vimos anteriormente, Lula diz “não tem nenhum – brasileiro...” para relatar o quanto está a par dos problemas de nossa nação e mostrar firmeza nas palavras proferidas. O segundo argumento, que é introduzido por “mas” é de que “não tem na face da Terra nenhum homem mais otimista do que eu estou hoje”. Nessa afirmação, o Presidente quer deixar claro, convencer àqueles que o ouvem, que ele está consciente de que terá uma tarefa dura pela frente, porém, com o seu otimismo poderá vencer aos obstáculos. Assim, mais uma vez tenta mostrar ao povo que a sua escolha para Presidente foi de grande valia.

Há ainda um terceiro argumento que se soma ao primeiro e ao segundo, no qual o Presidente diz que “posso afirmar que vamos ajudar esse país”. Esse argumento é utilizado para fortalecer a tese do Presidente de que o povo brasileiro fez uma boa escolha ao elegê-lo e que está consciente das dificuldades do povo. Nesse terceiro argumento, ele usa a forma verbal perifrástica “posso afirmar”, por fazer parte dos modalizadores de argumentação pertencentes ao eixo do saber. Outra forma verbal utilizada nesse último argumento do parágrafo, “quero afirmar”, é um performativo explícito que indica comprometimento e, portanto, há a possibilidade da cobrança com relação ao que foi dito., essa é uma forma verbal perifrástica, pois é constituída do verbo querer mais o verbo afirmar no infinitivo.

O sexto parágrafo do texto proferido na fala de posse do Presidente é iniciado por uma forte afirmação “Eu não sou o resultado de uma eleição. Eu sou o resultado de uma história.”. Nesse trecho, o Presidente deixa claro o tom persuasivo de suas colocações, pois, situa-se acima do momento presente, que são as eleições. Usa um argumento por autoridade, a fim de demonstrar que está em uma situação mais relevante do que a eleitoral, está na história, por isso, não será jamais esquecido. O Presidente estava comprometido, quando efetuou a afirmativa anterior, pois conjugou o verbo “sou” no presente do indicativo, modo e tempo que denotam engajamento.

No decorrer do pronunciamento, o Presidente continua pondo-se em posição de grande importância, pois diz “Eu estou concretizando o sonho de gerações e gerações que, antes de mim, tentaram e não conseguiram”. Com a primeira afirmativa, o Presidente deixa claro que o fato de ser eleito não era apenas um desejo próprio, porém, de “gerações e gerações” o que denota que ele tenta persuadir o povo de que, realmente, foi feita a escolha certa na eleição para Presidente, pois é ele quem está “concretizando”, tornando realidade o sonho, os desejos de muitas pessoas. Para alcançar o

tom persuasivo desejado, usa os verbos que denotam engajamento, como o “estou”, conjugado no presente do indicativo, e ainda, “tentaram” e “consequiram”, conjugados no pretérito mais que perfeito do modo indicativo, também demonstrando que está comprometido com o dito.

No sétimo parágrafo, o Presidente faz a constatação, reflexão de que sabe a importância do papel que está assumindo no momento, o qual assume “com muita humildade”, porém, também, “com muita serenidade”, argumenta dizendo que é humilde, mas esse fato não prejudica sua serenidade, dando-nos a instrução positiva Fiorin (2003) de que mais do que humilde é sereno.

Nesse parágrafo, usa a maioria dos verbos no presente do indicativo, tempo e modo indicadores de modalização, demonstrando que está comprometido com seu texto. Usa os verbos “é, vou, acredito, precisa, são, quero” para fortalecer sua tese, de que está consciente, sereno, quanto aos problemas pelos quais o país passa. Para a defesa dessa tese, argumenta dizendo que vai:

Cuidar da educação, cuidar da saúde, fazer a reforma agrária, cuidar da Previdência Social e acabar com a fome no país são compromissos menos programáticos e mais um compromisso moral e ético que eu quero assumir aqui nesta tribuna, na frente do povo, que é o único responsável pela minha vitória e pelo fato de eu estar aqui hoje tomando posse.

O oitavo parágrafo da fala de posse do Presidente inicia com a oração “eu tenho uma agenda a ser cumprida”. Nessa oração, aparece o primeiro verbo, “tenho”, que apresenta um modalizador de argumentação, pertencendo ao eixo da certeza, por estar conjugado no presente do indicativo.

Em seguida, o Presidente utiliza outra forma verbal, que corresponde a um auxiliar modal, no trecho “eu queria dizer a todos vocês:”, nesse fragmento, utiliza o verbo querer conjugado no modo indicativo, porém, no tempo pretérito imperfeito. Esse tempo não denota certeza e sim crença, portanto, não há engajamento nessa passagem. Posteriormente a esse trecho, aparecem outros verbos que denotam modalização, como vemos na passagem “amanhã vai ser o meu primeiro dia de governo e eu prometo a cada homem (...)”. Como sabemos, o verbo “vai” está conjugado no presente do indicativo e denota certeza, engajamento. Isso também ocorre

com o ato de fala “eu prometo”, que corresponde a um performativo explícito. Esse possui uma carga semântica muito forte, pois é um modalizador de argumentação que denota grande comprometimento, e, por isso, espera-se que sustente suas palavras, para que o produtor do texto mantenha sua credibilidade, não sendo julgado como superficial. Após esse trecho, o Presidente diz que “o meu governo, o Presidente, o vice e os ministros trabalharão, se necessário, 24 horas por dia para que a gente cumpra aquilo que prometeu a vocês que nós iríamos cumprir”. Nesse trecho, é usado, primeiramente, o verbo trabalharão, que está conjugado no futuro do presente do modo indicativo, denotando certeza de que, realmente, farão aquilo com o que se comprometeram. Após a forma verbal “trabalharão”, aparece a expressão “se necessário”, indicando condição, pois não é certo, comprovado, trabalharão se for necessário. O verbo “cumpra” aparece conjugado no modo subjuntivo, tempo presente, o que não denota engajamento, com relação ao verbo cumprir. O mesmo ocorre com o verbo “prometeu”, que se apresenta conjugado no pretérito perfeito do modo indicativo, indicando crença. Ainda há um outro verbo apresentando modalização pertencente ao eixo da crença, que é “iríamos”, conjugado no futuro do pretérito do modo indicativo.

O início do nono parágrafo é dedicado a cumprimentos à sua esposa Marisa, como verificamos pela passagem “Eu quero terminar agradecendo a essa companheira, que hoje – eu quero fazer uma homenagem porque hoje nós estamos aqui – Marisa, está toda bonita, toda elegante, ao lado do Marido dela com essa faixa, que nós sonhamos tanto tempo.” Nesse fragmento, são usados verbos no presente do indicativo, denotando engajamento com os elogios dirigidos à esposa. Nesse parágrafo, é utilizado um auxiliar modal “quero” na forma verbal “quero terminar”, denotando modalização. Dando continuidade a sua fala, o Presidente usa o vocábulo “entretanto”, com o qual introduz argumentos que denotam não ter sido fácil a trajetória para chegar à presidência do país, como verificamos no trecho a seguir:

Entretanto, para chegar aqui nós perdemos quatro eleições: uma para governador e três para presidente da República. E, vocês sabem que a cultura política do Brasil é só render homenagem aos vencedores. Quando a gente perde, ninguém dá um telefonema para a gente para dizer: “Companheiro a luta continua”.

Pelo trecho, percebemos que o Presidente tenta persuadir o povo brasileiro sobre a coragem e vontade de assumir a “chefia” da nação, proferindo um texto que, embora com grande tendência emotiva, está impondo a certeza na sua argumentação. Os verbos “perdemos”, “sabem”,

“perde” evidenciam certeza pela conjugação no presente do indicativo.

Nesse último trecho do nono parágrafo, fica mais evidente o caráter persuasivo do texto, por meio da modalização dos modos e tempos verbais. “Às vezes, ela e eu decidíamos que a luta ia continuar, porque não tinha outra coisa a fazer a não ser continuar a luta para chegar aonde nós chegamos”. Com esse trecho, de valor argumentativo mais explícito, o Presidente tenta sustentar sua tese de que a luta para chegar à presidência foi difícil, passaram por momentos de grande dificuldade, mas nunca se abateram diante delas. No decorrer de sua fala, o Presidente usa a forma verbal “decidíamos” que está conjugada no pretérito imperfeito do modo indicativo, não denotando engajamento. O que é evidenciado com as palavras de Koch (1996, p.38):

Ao mundo narrado, pertencem todos os tipos de relato, literários ou não; Tratando-se de eventos relativamente distantes, que, ao passarem pelo filtro do relato, perdem muito de sua força, permite-se aos interlocutores uma atitude mais “relaxada”.

Na seqüência, aparecem os verbos “tinha” e “chegam”, pertencentes ao eixo da crença, ao mundo narrado, pois ambas as formas estão conjugadas no pretérito perfeito do indicativo. O décimo parágrafo é reservado aos cumprimentos que o Presidente faz a todos os estados brasileiros, começa a fala dizendo “Eu quero dizer a todos vocês”. O uso do verbo “quero” denota modalização, por ser um auxiliar modal que leva ao comprometimento com o que é dito. Em seguida, Lula usa, repetidamente, a forma verbal “vieram”, conjugada no pretérito perfeito do indicativo, tempo pertencente ao mundo comentado, indicando distanciamento com relação ao dito. Esse fato também acontece com a forma verbal “falava”, também pertencente ao mundo narrado, não denotando engajamento, por estar conjugada pretérito imperfeito do indicativo.

O décimo primeiro parágrafo é iniciado com um verbo modalizado, a forma verbal “podem”, a qual denota engajamento, por estar conjugada no presente do indicativo, o qual pertence ao mundo comentado e por constituir um auxiliar modal. O mesmo acontece com a forma verbal “pode ter”. Esse verbo é usado em uma afirmativa, de grande valor persuasivo e argumentativo: “Podem ter a certeza mais absoluta que um ser humano pode ter”, no trecho, o Presidente expõe que, sem dúvida nenhuma, fará as coisas da melhor maneira possível. Como podemos verificar no trecho a seguir “quando eu não

puder fazer uma coisa eu não terei nenhuma dúvida de ser honesto com o povo e dizer que não sei fazer, que não posso fazer e que não tenho condições”, com esse trecho, o Presidente pretende mostrar franqueza com o povo brasileiro. Usa a forma verbal “terei” no futuro do presente do indicativo, tempo que indica comprometimento com o discurso proferido.

Usa também os verbos “sei” e “posso” que denotam engajamento, por estarem conjugados no presente do indicativo. A forma verbal “posso fazer” constitui um auxiliar modal correspondente ao verbo poder mais fazer. A afirmativa “não terei nenhuma dúvida de ser honesto com o povo”. Nesse trecho, Lula utiliza os vocábulos “não” e “nenhuma” para denotar maior certeza, engajamento e passar segurança ao povo. Em seguida, é introduzido um novo argumento, por meio do operador argumentativo “mas”, para relatar que jamais faltará com a verdade, como verificamos na passagem “mas eu quero que vocês carreguem também a certeza que eu, em nenhum momento da minha vida, faltarei com a verdade com vocês que confiaram na minha pessoa para dirigir esse país por mais quatro anos”. Nesse trecho, faz uso dos verbos “quero”, que está conjugado no presente do indicativo, indicando certeza, - “carreguem” que está conjugado no presente do subjuntivo, e, por isso, não denota certeza, “faltarei”, que indica crença, não comprometimento, por estar conjugado no futuro do presente.

O décimo segundo parágrafo do discurso de posse do Presidente Lula inicia com o verbo “tratarei” que designa um verbo modalizado e que denota engajamento, características essas atribuídas a verbos, que a exemplo de “tratarei”, estão conjugados no futuro do presente, do modo indicativo. O Presidente usa o verbo “tratarei” para dizer que terá com o povo brasileiro o mesmo cuidado com que trata os filhos, os netos que, segundo o Presidente, “são as pessoas que a gente mais gosta e eu quero propor isso a vocês: (...)”. Nesse trecho, o Presidente faz uso de três verbos modalizados, de forma que indicam comprometimento, engajamento e por isso pertencentes ao eixo do saber. O mesmo acontece com o verbo “trato” que também aparece conjugado no presente do indicativo. Em seguida, o Presidente faz uma afirmação: “amanhã, estaremos começando a primeira campanha contra a fome neste país”. Nesse trecho, o Presidente usa a forma verbal “estaremos”, conjugada no futuro do presente do indicativo, denotando engajamento, eixo da certeza.

Na continuidade do parágrafo, o Presidente relata:

É o primeiro dia de combate à fome e eu tenho fé em Deus que todo brasileiro e brasileira possa todo dia tomar café, almoçar e jantar porque isso não está no meu programa, isso

está escrito na Bíblia, está escrito na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Isso, nós vamos fazer juntos.

Nesse fragmento, o primeiro verbo que indica modalização é o verbo “tenho” e, em seguida, o verbo “vamos”, ambos conjugados no presente do indicativo e que denotam engajamento, por situarem-se no eixo da certeza. O verbo que aparece na seqüência é o verbo “possa” que não indica engajamento, pois está conjugado no presente do subjuntivo. Após esse trecho, aparece, repetidamente, o verbo “está” que denota engajamento, por estar conjugado no presente do indicativo. O verbo “está” introduz um argumento por autoridade, em que é estabelecida uma escala argumentativa Koch (1997, p.30) “Quando dois ou mais enunciados de uma classe se apresentam em gradação de força crescente no sentido de uma mesma conclusão, tem-se uma escala argumentativa”. Essa pode ser expressa, no caso do discurso do Presidente, da seguinte forma, para demonstrar o grau de importância e seriedade, quanto ao fato de os indivíduos terem direito à comida:

Arg. 1: não está escrito no meu programa.

Arg. 2: está escrito na Constituição brasileira.

Arg. 3: está escrito na Bíblia.

Arg. 4: está escrito na Declaração Universal dos direitos Humanos.

É perceptível a elevação do grau de argumentação a cada colocação de um novo argumento, para nos conduzir à determinada conclusão que, nesse caso, diz respeito à importância de acabar com a fome no Brasil. Ainda nesse parágrafo, aparece a forma verbal “vamos”, que denota engajamento, conjugada no presente do indicativo.

As noções de escala argumentativa e classe argumentativa, encontradas em Koch (1997) são baseadas na teoria da Semântica Argumentativa de Ducrot (1976).

O décimo terceiro e último parágrafo do texto de posse do Presidente Lula é reservado a agradecimentos, tanto ao povo, como aos jornalistas, etc. como vemos na passagem:

Por isso meus companheiros e minhas companheiras, uma abraço especial aos companheiros e companheiras portadores de deficiência física que estão sentados na frente desse parlatório. Meus

agradecimentos a imprensa que tanto perturbou a minha tranqüilidade nessa campanha e nesses dois meses, sem a qual a gente não consolidaria a democracia no país. Meu abraço aos deputados, aos senadores, meu abraço aos convidados estrangeiros, dizendo a vocês que, com muita humildade, eu não vacilarei em pedir a cada uma de vocês, me ajudem a governar, porque a responsabilidade não é apenas minha, é nossa, do povo brasileiro que me colocou aqui. (p.3)

Nesse parágrafo, há formas verbais modalizadas, as quais conferem à fala do Presidente engajamento ou distanciamento. Como é o caso dos verbos “estão”, “consolidaria” e “vacilarei”. A forma verbal “estão” apresenta-se conjugada no presente do indicativo, tempo e modo que denotam comprometimento com o que é dito. Porém, a forma verbal “consolidaria” apresenta-se conjugada no futuro do pretérito do indicativo. Esse tempo e modo não atribuem comprometimento com o que é dito, pertencendo essa forma verbal ao eixo da crença. A terceira forma verbal que aparece modalizada no parágrafo é “vacilarei”, que se apresenta conjugada no futuro do presente do indicativo, denotando engajamento e, por isso, pertencente ao eixo da certeza. Esse verbo é acompanhado do advérbio “não”, contendo a informação, a afirmação de que “não vacilarei em pedir a cada um de vocês (...)”. O advérbio usado reforça a idéia de certeza, de comprometimento.

Por meio da análise do discurso de posse do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, sob a ótica semântico-argumentativa de Ducrot, foi possível averiguar que há o uso mais incidente dos modalizadores de argumentação pertencentes ao eixo da certeza, ou seja, o Presidente apresenta engajamento com a fala que profere ao povo brasileiro no momento de sua posse.

CONCLUSÃO

Por meio da análise dos modalizadores presentes no discurso de posse do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, foi possível averiguar que ele se comprometeu com o povo brasileiro no momento de sua posse, quando proferiu seu discurso no parlatório. Dessa forma, o povo brasileiro pode cobrar as promessas feitas ao Presidente, devido à incidência de falas que demonstram engajamento em relação as que denotam crença, segundo uma análise semântico-argumentativa.

Percebemos que o discurso de posse do Presidente foi muito bem

construído, passando aos seus ouvintes e leitores confiança, por estar, predominantemente, comprometido com o que profere. A escolha dessa forma de modalização atribui credibilidade ao texto, mas para que essa seja mantida, é necessário que se cumpra o que foi dito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CITELLI, Adilson. **O texto argumentativo**. São Paulo: Scipione.1994.

COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes. 1991.

DISCURSO DO PRESIDENTE LULA NA TOMADA DE POSSE. Disponibilidade em (<http://www.google.com.br/pravda>). Acesso em 19/04/04.

DUCROT, Oswald. **Princípios de semântica lingüística**. Tradução brasileira: São Paulo, Cultrix, (Original Francês:1972).1976.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes.1987

FIORIN, José Luiz. **Introdução à lingüística II princípios de análise**. São Paulo: Contexto.2003.

KOCH, Ingedore G. V.. **A interação pela linguagem**. São Paulo: Contexto. 1992.

_____. **Argumentação e linguagem**. 4ª.ed. São Paulo: Cortez. 1996.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo. Contexto.1997.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez.2002

WEINRICH, H. **Tempus: besprochene und erzählte Welt**. Stuttgart, Klett; Trad. Francesa: Le Temps (Ed. du Seuil: trad. Espanhola: Estructura y función de los tempos em el language (Ed. Gredos).1964.

ANEXO 1

Leia, na íntegra, o discurso de posse do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva pronunciado no parlatório:

“Meus companheiros e minhas companheiras.

Excelentíssimos senhores chefes de estado presentes nessa solenidade.

Trabalhadores e trabalhadoras do meu Brasil.

Meu querido companheiro José Alencar, meu vice – Presidente da República.

Minha companheira querida, dona Marisa, esposa do Zé Alencar.

Minha querida esposa Marisa, juntos já partilhamos muitas derrotas e por isso nós hoje estamos realizando um sonho que não é meu, mas um sonho do povo deste país, que queria mudança.

Eu tenho plena consciência das responsabilidades que estou, junto com meus companheiros, assumindo nesse momento histórico da nossa vida republicana, mas, ao mesmo tempo, eu tenho a certeza e a convicção de que nenhum momento difícil, nessa trajetória de quatro anos, irá impedir que eu faça as reformas que o povo brasileiro precisa que sejam feitas.

Em nenhum momento vacilarei em cumprir cada palavra que Zé Alencar e eu assumimos durante a campanha.

Durante a campanha não fizemos nenhuma promessa absurda. O que nós dizíamos, eu vou repetir agora, é que nós iremos recuperar a dignidade do povo brasileiro. Recuperar a sua auto-estima e gastar cada centavo que tivermos que gastar na perspectiva de melhorar as condições de vida de mulheres, homens e crianças que necessitam do Estado brasileiro.

Nós temos uma história construída junto com vocês. A nossa vitória não foi o resultado apenas de uma campanha que começou em junho desse ano e terminou dia 27 de outubro. Antes de mim, companheiros e companheiras lutaram. Antes do PT, companheiros e companheiras morreram neste país lutando por conquistar a democracia e as liberdades. Eu apenas tive a graça de Deus de, no momento histórico, ser o porta – voz dos anseios de milhões e milhões de brasileiros e brasileiras. Eu estou convencido que hoje não tem no Brasil nenhum brasileiro ou brasileira mais conhecedor da realidade e das dificuldades que vamos enfrentar, mas, ao mesmo tempo, eu estou convencido e quero afirmar a vocês que não tem

na face da Terra nenhum homem mais otimista do que eu estou hoje e que posso afirmar que vamos ajudar esse país.

Eu não sou o resultado de uma eleição. Eu sou o resultado de uma história. Eu estou concretizando o sonho de gerações e gerações que, antes de mim, tentaram e não conseguiram.

O meu papel nesse instante, com muita humildade, mas também com muita serenidade, é dizer a vocês que eu vou fazer o que acredito que o Brasil precisa que seja feito nesses quatro anos. Cuidar da educação, cuidar da saúde, fazer a reforma agrária, cuidar da Previdência Social e acabar com a fome neste país são compromissos menos programáticos e mais um compromisso moral e ético que eu quero assumir aqui nesta tribuna, na frente do povo, que é o único responsável pela minha vitória e pelo fato de eu estar aqui hoje tomando posse.

Como eu tenho uma agenda a ser cumprida, eu queria dizer a todos vocês: amanhã vai ser o meu primeiro dia de governo e eu prometo a cada homem, a cada mulher, a cada criança e a cada jovem brasileiro que o meu governo, o Presidente, o vice e os ministros trabalharão se necessário 24 horas por dia para que a gente cumpra aquilo que prometeu a vocês que nós iríamos cumprir.

Eu quero terminar agradecendo a essa companheira, que hoje –eu quero fazer uma homenagem porque hoje nós estamos aqui-, Marisa, [está] muito bonita, toda elegante, ao lado do marido dela com essa faixa, que nós sonhamos tanto tempo. Entretanto, para chegar aqui nós perdemos quatro eleições: uma para governador e três para Presidente da República. E, vocês sabem que a cultura política do Brasil é só [render] homenagem aos vencedores. Quando a gente perde, ninguém dá um telefonema para a gente para dizer: “Companheiro a luta continua”. Às vezes, ela e eu decidíamos que a luta ia continuar porque não tinha outra coisa a fazer a não ser continuar a luta para chegar aonde nós chegamos.

Eu quero dizer a todos vocês, que vieram de Roraima, do Acre, do Amapá, do Amazonas, que vieram de Rondônia, do Mato Grosso, do Mato Grosso do Sul, que vieram do Maranhão, do Piauí, do Ceará, que vieram do Rio Grande do Norte, da Paraíba, de Alagoas, de Pernambuco, de Sergipe, da Bahia, companheiros de Brasília, mas também companheiros de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina, quero dizer, inclusive, ao povo do Rio Grande do Sul, aos meus irmãos de Caetés, minha grande cidade natal, que se chamava Garanhuns, aos companheiros de Goiás, eu quero terminar dizendo a vocês:

Podem ter a certeza mais absoluta que um ser humano pode ter, quando eu não puder fazer uma coisa eu não terei nenhuma dúvida de ser honesto com

o povo e dizer que não sei fazer, que não posso fazer e que não tem condições, mas eu quero que vocês carreguem também a certeza que eu, em nenhum momento da minha vida, faltarei com a verdade com vocês que confiaram na minha pessoa para dirigir este país por quatro anos.

Tratarei vocês com o mesmo respeito que eu trato os meus filhos e os meus netos, que são as pessoas que a gente mais gosta e eu quero propor isso a vocês: amanhã estaremos começando a primeira campanha contra a fome neste país. É o primeiro dia de combate à fome e eu tenho fé em Deus que a gente vai garantir que todo brasileiro e brasileira possa todo santo dia tomar café, almoçar e jantar porque isso não está escrito no meu programa, isso está escrito na Constituição brasileira, está escrito na Bíblia, está escrito na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Isso, nós vamos fazer juntos.

Por isso, meus companheiros e companheiras, um abraço especial aos companheiros e companheiras portadores de deficiência física que estão sentados na frente deste parlatório. Meus agradecimentos à imprensa, que tanto perturbou minha tranquilidade nessa campanha e nesses dois meses, sem a qual a gente não consolidaria a democracia no país. Meu abraço aos deputados, aos senadores, meu abraço aos convidados estrangeiros, dizendo a vocês que, com muita humildade, eu não vacilarei em pedir a cada um de vocês, me ajudem a governar, porque a responsabilidade não é apenas minha, é nossa, do povo brasileiro que me colocou aqui.

Muito obrigado meus companheiros e até amanhã.

Fonte: PT”